

A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

Wilbur (Dr. Gilberto) Norman Pickering, ThM PhD

Na INTRODUÇÃO prometi tratar da interligação entre missões transculturais e a volta de Cristo. Ao andar pelo Brasil discorrendo sobre missões transculturais tenho encontrado o seguinte: quando alguém levanta a questão da volta de Cristo o faz em termos de Mateus 24:14. Parece-me uma porta excelente para entrar no assunto. Vamos lá. "Este evangelho do reino será proclamado em todo o mundo para testemunho a todas as etnias, e então virá o fim."

A pergunta que se faz com maior freqüência é se Cristo pode voltar antes de alcançarmos a última etnia. O advérbio "então" indica que alguma coisa tem que acontecer primeiro, no caso a pregação do Evangelho a cada etnia. Até aí parece-me que a linguagem é perfeitamente clara. A interpretação do verso depende do sentido que devemos dar à palavra "fim". "O fim" diz respeito a que? Convenhamos que este dia tem fim, esta semana tem fim, este mês tem fim, este ano tem fim, esta década, etc., mas são "fins" distintos e acontecem em datas diferentes (sei que se escolher o dia a dedo pode fazer vários desses fins coincidirem, mas normalmente não é assim). Pois bem, na escatologia têm vários "fins". O mundo tem fim; o milênio tem fim; a grande tribulação tem fim; esta era da graça tem fim--no meu entender da Palavra de Deus são fins distintos e diferentes que não coincidem. Qual desses fins Jesus tinha em mente quando proferiu Mateus 24:14?

Se for o fim do mundo ou o fim do milênio a questão não influi na volta de Cristo, pois Ele já terá vindo. E não representará problema maior para nós porque durante o milênio o próprio Deus vai garantir que todos ouçam. "Não ensinará cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao SENHOR, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o SENHOR" (Jer. 31:34). "Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar" (Isaías 11:9). Se existe alguma parte do mar sem água, então poderá ficar alguém sem conhecer o Senhor. Ver também Apocalipse 21:24.

Mas se o "fim" previsto por Jesus for o fim da grande tribulação, como fica? A volta de Cristo se prende a nossa ação missionária? Creio que não. Vejamos Apocalipse 14:6. "Vi um anjo voando pelo meio do céu, portador do evangelho eterno para evangelizar aos que habitam sobre a terra, a saber a cada etnia, e tribo, e língua e povo." Como o ministério deste anjo se processa durante a grande tribulação, antes do fim dela cada povo terá sido "evangelizado", os falantes de cada língua saberão a verdade acerca de Deus e seu Reino. Então Cristo poderá voltar tranquilamente, na hipótese.

Unicamente se o "fim" previsto por Jesus disser respeito ao fim desta era da graça, ou da Igreja, e se a posição pré-tribulacionista for a correta, temos problema--unicamente nessa hipótese a segunda vinda de Cristo depende da nossa ação missionária. Se o arrebatamento da Igreja antecede a grande tribulação e se a última etnia tem que ouvir o Evangelho para que o arrebatamento aconteça, aí estamos numa "fria"! Sendo que ainda têm umas 2.000 etnias por ouvir o Evangelho, está na hora de todo mundo arregaçar as mangas e fazer por onde alcançar essas etnias! Muitos missionários transculturais ora atuando ao redor do mundo têm exatamente esta visão das coisas e é por isso que são missionários--estão empenhando suas vidas no esforço de ver a última etnia alcançada para que Jesus possa voltar! Eu queria que todo mundo pensasse assim, contanto que reagisse também assim, empenhando a vida para ver a Grande Comissão de Cristo cumprida. Quem me dera!

Existe uma interpretação de Atos 1:8 que deve ser mencionada aqui. Geralmente entendemos esta palavra do Senhor Jesus como sendo uma declaração com o efeito prático duma ordem. No entanto, existem irmãos que entendem que esta declaração tem efeito profético. É que a palavra grega traduzida "confins" é singular; uma tradução ao pé da letra seria mais ou menos assim: "até ao último lugar da terra". A essência da proposta é que esta palavra foi dirigida aos discípulos, e se tem efeito profético então são os discípulos que têm que alcançar esse "último lugar". Se essa interpretação for a correta então é a Igreja que tem que terminar de alcançar o mundo--não podemos apelar para o anjo de Apocalipse 14:6.

Sucede, no entanto, que eu mesmo não entendo o Texto exatamente dessas maneiras. Sou pré-tribulacionista--quero dizer que entendo que a interpretação que melhor satisfaz a **todas** as passagens relevantes (escolher só uma ou duas a dedo não vale) é a que vê o arrebatamento da Igreja antecedendo a grande tribulação. **Porém**, existe ambigüidade no Texto; existe sim, razão porque ninguém deve querer fechar esta questão, e muito menos excomungar quem porventura discordar. Voltando a Mateus 24:14, entendo que "o fim" previsto por Jesus é o fim da grande tribulação pois imediatamente, no verso seguinte, Jesus fala da "abominação da desolação" que acontecerá durante esse período. Assim sendo, aquele anjo de Apocalipse 14:6 vai resolver nossa situação. O que a Igreja porventura deixar inacabado, esse bendito anjo vai completar. Ah bendito anjo! (quando chegar no Céu quero cumprimentá-lo). Mas espera aí um momento! Que ninguém queira cruzar os braços e dizer: "Bem, já que aquele anjo vai garantir a situação podemos ficar despreocupados e cuidar da vida; esses povos não alcançados já esperaram durante tanto tempo, podem continuar esperando; o problema é deles". Quem assim pensar e agir vai apanhar severamente perante o Tribunal de Cristo! Precisamos criar um pouco de respeito pela prestação de contas, minha gente! A "barra" não vai ser leve não!

Imaginemos que chegue a vez dum irmão que cruzou os braços; ele está em pé perante o Tribunal. Aí Jesus pergunta o que ele fez de efetivo visando cumprir as ordens que Ele deixou. Aí o irmão omisso começa a balbuciar: "Bom, quer dizer, sabe Senhor, aquele anjo, lá em Apocalipse não fala dum anjo . . . ?". Será que alguém é capaz de imaginar que Jesus possa aceitar uma estupidez tamanha? Que ninguém se iluda! Jesus vai cobrar as **ordens**! Sinceramente, duvido que Ele vá exigir que tenhamos acertado cada detalhe do cronograma escatológico. Para que? Se eu estou vivendo efetivamente como discípulo, como escravo de Cristo, se estou fazendo tudo para agradá-lo, se estou envidando todas as forças em prol de Seu reino, que diferença faz se estou enganado a respeito do arrebatamento? Agora, se minha visão das coisas me leva a relaxar, a ser omisso, aí é diferente. Infelizmente, muitos que defendem a posição pré-tribulacionista em vez de gastar tudo para "trazer o Rei de volta" ficam de braços cruzados esperando o arrebatamento; se os jornais noticiam uma desgraça maior e pior ficam satisfeitos porque com isso o arrebatamento deve estar mais perto. É uma aberração que não decorre da doutrina em si. Por estranho que possa parecer, muitos que criticam esses pré-tribulacionistas também pouco ou nada fazem para cumprir a Grande Comissão. Como pode?

Irmãos, vamos correr atrás do prejuízo. Vamos dar de tudo para alcançar a última etnia. Se Cristo voltar antes de terminarmos, amém! Se terminarmos e com isso Ele vem, aleluia! Se terminarmos e Ele ainda não vem, pelo menos teremos a esperança de ouvir o "Muito bem, servo bom e fiel!" (Mat. 25:21). Espero que ninguém queira ouvir o "Mau e negligente servo!" (Mat. 25:26). Misericórdia!

Não é este o lugar certo para um tratado sobre a escatologia, mas já que estamos aqui gostaria de fazer duas colocações que entendo serem determinantes para uma compreensão adequada de questões escatológicas. Primeiro, a linguagem é regida por normas ou regras. Quem quiser utilizar um idioma compromete-se a respeitar as normas. Se desobedecer as normas vai enganar seu ouvinte ou leitor. Enganar de propósito é maneira de mentir. Se Deus faz uso da nossa linguagem a fim de comunicar-se conosco, também tem que respeitar as regras, fatalmente. Caso contrário estará nos enganando propositadamente, que equívale a mentir, e a Bíblia declara frontalmente que Deus "não pode mentir" (Tito 1:2). Qualquer "interpretação" da Bíblia que deixa de lado as normas da linguagem faz de Deus um mentiroso; duvido que Ele vá agradecer tal iniciativa!

O Milênio

Para exemplificar, vejamos Apocalipse 20:1-7.

- 01 Então vi um anjo descendo do Céu, que tinha a chave do abismo e uma corrente grande na mão.
- 02 E ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás, aquele que engana o mundo inteiro, e o amarrou por mil anos;
- 03 e o lançou no abismo, que trancou e selou sobre ele para que não mais engane as nações até que os mil anos se acabem. Depois disto é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo.
- 04 E vi tronos; e assentaram-se sobre eles aqueles a quem foi dado o poder de julgar, isto é as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus e pela palavra de Deus, os que

não adoraram a besta nem a sua imagem, e que não receberam a marca na fronte nem na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos.

05 (Mas os outros mortos não reviveram até que os mil anos se completaram.) Esta é a primeira ressurreição.

06 Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes a segunda morte não tem poder, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos.

07 Quando se completarem os mil anos Satanás será solto da sua prisão.

O que João viu foi exatamente um anjo, uma chave, uma corrente, um dragão, etc. O sentido e efeito da cena é claramente declarado--Satanás será isolado durante mil anos "para que não mais engane as nações até que os mil anos se acabem". O sentido é cristalino. Não há nenhuma ambigüidade que justifique buscar algum outro sentido. Vai haver um período de mil anos durante o qual Satanás não poderá interferir no mundo. Alguma dúvida? Bem, sei que existem posições escatológicas que rejeitam o sentido claro do Texto. Resta saber se é lícito rejeitar este sentido.

Existem figuras de linguagem--símile, sinédoque, metáfora, metonímia, etc.--bem como gêneros literários, tais como parábola e alegoria, que fogem ao sentido literal das palavras. Assim como existem regras para o uso e a interpretação de tais figuras e gêneros. Não é uma coisa sem nexos. Sempre que alguém queira afirmar estarmos diante dum uso figurado tem que justificar essa afirmação. Normalmente seguimos o sentido natural e literal das palavras; quando esse sentido não parece impraticável aí apelamos para a hipótese duma figura. Em se tratando de gêneros como parábola e alegoria, que abrangem trechos maiores, esperamos que o autor nos previna, de alguma forma, que vai fugir das normas. Quando Paulo faz uso de alegoria em Gálatas 4:21-31 ele nos avisa abertamente, "o que se entende por alegoria" (Gal. 4:24). Nos Evangelhos quando Jesus proferiu uma parábola o Texto costuma dizer claramente que é parábola (Mat. 13:3, etc., etc.). Agora, quando o próprio autor explica o sentido certo da linguagem figurada aí não tem mais o que perguntar; estamos de posse da interpretação desejada. Argumentar que a explicação dada pelo autor também é simbólica ou figurada exige indícios indisfarçáveis, pois procedimento semelhante da parte do autor vai contrariar nossas expectativas legítimas.

Voltando ao Apocalipse, às vezes ouve-se ou lê-se que o livro está cheio de simbolismo, argumento apresentado para justificar a rejeição do sentido natural do Texto. Existem símbolos e figuras no livro, mas não ocupam tanto espaço assim. Primeiro, palavras como preposições, conjunções, artigos, pronomes e advérbios simplesmente não são passíveis de sentido simbólico ou espiritualizado (pelas normas da linguagem); elas têm sentido e efeito gramatical que é inviolável. Segundo, o próprio Texto às vezes fornece a interpretação do símbolo: em 1:20 o Jesus glorificado dá o sentido das sete estrelas e dos sete castiçais (julgo importante chamar atenção para outro fator aqui; é que só os substantivos têm sentido simbólico, a palavra "sete" quer dizer o número sete mesmo), e em 20:3 o Autor interpreta a encenação. Terceiro, o Autor enfatiza a importância das **palavras**, que tem o efeito de valorizar cada uma. 1:3 declara a bem-aventurança dos que ouvem "as palavras" e guardam as coisas escritas. Mas para "guardar" você tem que entender, que vale dizer que o sentido das palavras tem que ser tão claro que quem apenas ouve pode entender. A bem-aventurança é repetida em 22:7 e a importância das **palavras** é repetida em 22:9, 10, 18 e 19. Os versos 18 e 19 são tremendos, sendo que este avisa que quem tirar "qualquer coisa das **palavras** do livro" perderá a Vida! Às vezes me parece que não levamos muito a sério as advertências da Bíblia. Interpretar o Texto de forma desleal não é maneira de "tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia"? Rejeitar deliberadamente o sentido claro, natural, literal e perfeitamente praticável do Texto não é a mesma coisa?

Mais dois versos enfatizam as palavras, 21:5 e 22:6, e o fazem de maneira interessante: "estas palavras são **fiéis e verdadeiras**". Que será que devemos entender por palavra "fiel e verdadeira"? Palavra que engana não pode ser. Parece-me que uma palavra fiel deve ter o sentido normal e esperado. Por exemplo, quando lemos em 7:4-8 das "tribos dos filhos de Israel", da "tribo de Judá", de "Rúben", "Gade", etc., não temos opção. Na Bíblia inteira esses nomes dizem respeito unicamente aos filhos de Jacó e às tribos que levam seus nomes. Aqui não podem ter outro sentido. Quer queiramos quer não, quer gostemos quer não, este trecho tem que dizer respeito às doze tribos de Israel, literalmente. Caso contrário o Autor estaria nos enganando, propositadamente, e as palavras não seriam "fiéis e verdadeiras". Agora vamos aplicar estes princípios à interpretação de Apocalipse 20:1-7.

Parece-me óbvio que os participantes na encenação eram Satanás e um anjo, literalmente, embora assumissem forma corpórea simbólica para se tornarem visíveis ao olho humano (de João). O sentido da encenação é dado no verso 3, como já observamos. Mas que devemos entender pela frase "até que os mil anos se acabem"? A preposição "até que" não é passível de sentido espiritualizado; diz respeito a uma situação que perdura durante um certo prazo até esbarrar na condição que encerra o prazo. O prazo no caso é "os mil anos". O artigo definido "os" tem o efeito exatamente de definir a frase nominal com a qual está associado; não é qualquer período de mil anos não, é um certo já conhecido período, a saber os mil anos durante os quais Satanás estará amarrado (20:2). E que devemos entender por "mil"? Que eu saiba os números sempre têm sentido literal: "dois" sempre quer dizer 2, "três" sempre quer dizer 3, "sete" sempre quer dizer 7, "doze" sempre quer dizer 12, "mil" sempre quer dizer 1.000, etc. Sei que é muito comum as pessoas darem um sentido simbólico a certos números na Bíblia: "sete" representaria perfeição, etc. Não consigo lembrar de um único texto bíblico que diz coisa semelhante. Nesse caso tais idéias não passam de especulação humana e não têm valor maior. Mas mesmo que tais números tenham valor simbólico, **não** deixam de ter seu sentido literal ao mesmo tempo! No caso de número elevado como "mil", as normas da linguagem admitem o arredondamento. Então, nossos "mil anos" talvez acabem sendo 993 ou 1.005 sem nos dar o direito de dizer que o Autor nos enganou.

São mais os substantivos que podem receber sentido figurado, e eventualmente alguém poderia querer argumentar que "anos" deve ter um outro sentido. Mas não pode ser uma coisa sem nexos. No caso tem que representar algum período de tempo. Então, o que podemos bolar--dias, semanas, séculos, eras ou épocas? O problema é que tem que ser **1.000** deles; ou mil dias ou mil eras ou mil qualquer coisa. Sucede que não há nenhum motivo razoável para rejeitar o sentido natural da palavra. Entender "mil anos" no sentido natural e literal é perfeitamente praticável--daí não há justificativa para buscar outro sentido. O pronome "se" também não é passível de sentido espiritualizado; tem que dizer respeito a "os mil anos". Quanto ao verbo "acabem" (ou "completem"), neste contexto não se justifica buscar outro sentido a não ser o natural, mesmo porque a preposição "até que" obriga este sentido. A frase em pauta é repetida, na sua essência, nos versos 5 e 7, que reforça sobremaneira a necessidade de entender a frase no seu sentido natural e literal. Mas vamos com calma.

Voltando ao verso 3, Satanás foi encarcerado "para que não mais engane as nações até que os mil anos se acabem". Aí o verso prossegue: "Depois disto é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo." "Disto" é tradução dum pronome que representa "os mil anos", de modo que podemos entender o seguinte: depois dos mil anos Satanás será solto durante um prazo curto. O advérbio "depois" reforça novamente o caráter definido do período em questão--não é um período vago que não se sabe quando começou, se é que já começou, e nem se sabe quando vai terminar, se é que vai ter fim. Quando o Texto esclarece que após os mil anos Satanás será solto "por um pouco de tempo" fica claro que o Autor está falando mesmo é de tempo, e em prazos mensuráveis.

O verso 4 nos informa que os fiéis que morrerem durante a grande tribulação "pelo testemunho de Jesus" vão reviver e reinar com Cristo "durante mil anos". Boa parte dos manuscritos gregos diz "durante **os** mil anos", mas em todo caso é totalmente improvável que o Autor iria introduzir um segundo e diferente período de mil anos, mesmo porque o verso 7 fala novamente dos mil anos de prisão de Satanás. Mas o verso 5 fecha a questão, pois quando diz que "os outros mortos não reviveram até que **os** mil anos se completaram" fica definido que há um único período de mil anos em pauta. O verso 6 volta à carga nos informando que os participantes na primeira ressurreição vão reinar com Cristo durante mil anos; os mesmos mil anos, fatalmente. Aí vem o verso 7: "Quando se completarem os mil anos Satanás será solto da sua prisão." O uso do advérbio "quando" não deixa por onde escapar; estamos diante dum período definido de mil anos.

Resumindo, parece-me que as normas da linguagem nos obrigam a entender que Apocalipse 20:1-7 afirma o seguinte, pelo menos: haverá um período literal de mil anos durante o qual Satanás não poderá enganar as nações, e durante o qual Cristo vai reinar aqui na terra, auxiliado pelos participantes na primeira ressurreição--versos 8 e 9 deixam claro que é aqui na terra.

Por dois motivos temos que entender que esse período milenar não começou ainda: primeiro, Satanás obviamente continua enganando as nações, e durante os últimos 1.900 anos nunca houve um milênio sem a atuação dele; segundo, a besta não apareceu ainda para que os mártires comentados no verso 4 pudessem rejeitar a sua marca--esses acontecimentos pertencem ao futuro.

Agora vamos à segunda colocação que entendo ser determinante para uma compreensão adequada de questões escatológicas: temos que respeitar o sentido ou conteúdo semântico que o autor dá a um vocábulo, ou a uma expressão, até onde seja possível verificar isso. Vejamos o caso de "Israel" e "judeu".

Israel e a Igreja

No Antigo Testamento o vocábulo "Israel" ocorre por volta de 2.470 vezes, e o termo "israelita" outras vinte, sempre no sentido literal; isto é, sempre diz respeito ao homem que tinha esse nome ou ao povo histórico que levou o mesmo nome. Já no Novo Testamento "Israel" ocorre 70 vezes e "israelita" nove (no texto grego). Aqui também as referências são ao povo histórico, a não ser em dois casos possivelmente ambíguos, a saber em Romanos 9:6 e Gálatas 6:16. Vamos lá.

Em Romanos 9:6 lemos assim: "nem todos os de Israel são de fato israelitas". O termo "Israel" tem o sentido histórico, sem dúvida. Já a palavra "israelita" (que no texto grego é "Israel") parece ter um sentido um pouco diferente. Os versos 7 e 8 dão a interpretação certa. Abraão teve filhos por Hagar, Sara e Quetura, e através deles seus descendentes, mas nem todos eles são "filhos da promessa"--estes vieram apenas por Sara. Mas é claro que os descendentes de Isaac (filhos da promessa) fazem parte do universo maior que são os descendentes físicos de Abraão. Semelhantemente, voltando ao verso 6, dentro do universo maior de todos os descendentes físicos de Israel existe um grupo menor composto de israelitas "de fato"--o intuito do texto parece ser que além de descendentes físicos são descendentes espirituais também.

Agora vejamos Gálatas 6:16. Que devemos entender por "o Israel de Deus"? Devemos entender exatamente aquilo que os autores, divino e humano, entenderam. Como saber o que eles entenderam? É simples; basta atentarmos para o uso que eles fizeram do vocábulo "Israel" em outros contextos. O Autor divino utilizou o termo umas 2.570 vezes (incluindo "israelita"), sempre com o sentido literal e histórico, sempre dizendo respeito ao homem, Israel, a seus descendentes físicos ou à terra associada com eles. Com que lógica poderia alguém sustentar que em Gálatas 6:16 o Autor fugiu do seu uso invariável sem nos prevenir, sem nos avisar que desta (e única) vez estamos diante duma alegoria ou dum símbolo? Não vejo jeito. E o autor humano? Ele utilizou o termo 21 vezes (incluindo "israelita", mas excluindo 3 vezes em Hebreus por ser a autoria de Paulo contestada). Como seus usos fazem parte do universo maior do uso divino já comentado, o mesmo raciocínio cabe aqui. Francamente, não vejo alternativa lícita--"o Israel de Deus" diz respeito ao grupo menor, dentro do universo maior dos descendentes físicos de Israel, tido como fiel a Deus, a exemplo do que constatamos em Romanos 9:6.

Mas a própria gramática do Texto não deixa dúvidas: "paz e misericórdia sejam sobre (επι) eles e sobre (επι) o Israel de Deus". A repetição da preposição επι, ligados por "e" (και) deixa claro que "eles" e "o Israel de Deus" representam entidades distintas, diferentes. Então, qual é o referente ou antecedente do pronome "eles"? É "todos os que andarem conforme esta regra"; e "esta regra" diz respeito a "ser uma nova criatura" "em Cristo Jesus" (v. 15). Resultado, "eles" diz respeito à Igreja. Então, a Igreja é uma coisa e o Israel de Deus é outra coisa, fatalmente. Qual seria o problema? Que Israel seja povo de Deus é idéia anti-bíblica? Porque será que o pessoal reluta tanto para não reconhecer que Deus ainda tem planos para o povo de Israel como tal? Haveria um anti-semitismo nos meios evangélicos do país? Em todo caso, o Texto é claro—"o Israel de Deus" não pode dizer respeito à Igreja.

Agora vejamos o caso de "judeu". No Antigo Testamento o vocábulo ocorre umas 90 vezes, sempre no sentido literal. Já no Novo Testamento nosso termo é utilizado umas 200 vezes, também no sentido literal e histórico, a não ser em dois casos possivelmente ambíguos, ambos em Romanos 2:28-29. Vamos lá.

"Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão a que é do coração, no espírito." Em verdade as duas ocorrências de "judeu" aqui são como os dois lados duma moeda, interdependem. Que sentido devemos dar a "judeu" nestes versos? Devemos seguir o mesmo procedimento que seguimos em relação a "Israel". O Autor divino utiliza o termo umas 290 vezes (entre elas 25 de Paulo), sempre dizendo respeito a descendente(s) físico(s) de Jacó, a não ser no

caso em pauta. E o contexto deste caso, fornece indícios que justifiquem fugir do uso invariável dos autores e dar um sentido alegórico ou espiritualizado? Muito pelo contrário. Primeiro, o assunto maior do capítulo 2 é a justiça de Deus. Segundo, a partir do verso 17 a discussão é dirigida exatamente aos judeus, mormente àqueles que se vangloriavam de ser povo de Deus mas que não tinham compromisso com Ele. Deus está cobrando coerência. Chegando ao verso 28 as palavras "apenas" e "somente" nos dão a pista certa. Perante a justiça de Deus não resolve ser apenas judeu físico circunciso na carne; além disso é necessário ser judeu espiritual, circunciso no coração. É o mesmo quadro que verificamos em Gálatas 6:16 e Romanos 9:6. Os judeus espirituais formam um grupo menor dentro do universo maior dos judeus físicos.

Conclusão: Romanos 2:28-29, 9:6 e Gálatas 6:16 não dizem respeito à Igreja. "O Israel de Deus" **não** significa "a Igreja"! Interpretar a Palavra de Deus dessa maneira é violentar o Texto, pelo menos até onde eu consigo entender. Todo cuidado é pouco, minha gente! 1 Coríntios 10:32 faz distinção clara entre Israel e a Igreja: "Não vos torneis causa de tropeço nem para judeus, nem para gentios, nem para a igreja de Deus." Israel é Israel. A Igreja é a Igreja. São coisas distintas que não devem ser confundidas quando nos aproximamos do Texto Sagrado. Os reflexos desta distinção para a escatologia são fundamentais.

Conclusão

Não foi à toa que puxei esses assuntos aqui. As posições amilenista, pós-milenista e pré-milenista refletem hermenêuticas diferentes e costumam ter reflexos para a seriedade com que as pessoas interagem com as ordens de Cristo. Quero terminar por insistir novamente na necessidade imperiosa de levarmos a sério **as ordens** de Cristo! Pode ter certeza absoluta, meu irmão; entre todas as coisas que serão cobradas perante o Tribunal de Cristo nada terá mais peso do que as ordens. Seja qual for sua posição escatológica, vamos cuidar de obedecer **as ordens**. Vamos lá irmãos? Vamos que vamos!